



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**“ESTUDAR EM PAZ - MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO CONTEXTO ESCOLAR”
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

THAÍS L. RODRIGUES

Brasília- DF

2017

THAÍS L. RODRIGUES

**“ESTUDAR EM PAZ - MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO CONTEXTO ESCOLAR”
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação de Brasília sob a orientação da Prof. Dra. Viviane Neves Legnani.

Brasília

2017

**“ESTUDAR EM PAZ - MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO CONTEXTO ESCOLAR”
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação de Brasília sob a orientação da Prof. Dra. Viviane Neves Legnani.

Comissão Examinadora:

Prof. Dra. Viviane Neves Legnani

(Orientadora)

Professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz

(Examinadora)

Ma. Flávia Tavares Beleza

(Examinadora)

À você Vovô Joaquim que sempre sonhou com esta realização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pelo dom da vida, bênçãos, milagres e por sua misericórdia e graça infinita sobre mim.

A minha família por todo amor, compreensão e carinho dedicado contribuindo incessantemente para a minha formação pessoal e profissional, em especial minha mãe Elza e meu pai Francisco.

À “Tia Marci” que não deixou de acreditar em mim e de me incentivar em todos os momentos e ao meu amigo Júlio César Cavalcante pela paciência e carinho dedicado à mim.

As amigadas cultivadas na minha trajetória acadêmica, destaco Fábio Freire, Marx Vaz e Camila Pinheiro por todo carinho.

À todos do Projeto Estudar em Paz, que me acolheram e me permitiram viver a experiência da Mediação Social. Em especial à Flávia Beleza e Daniela Furtado que com paciência me ouviram, se dedicaram transmitindo conhecimento, me oferecendo oportunidades incríveis que contribuíram para minha formação acadêmica e principalmente como cidadã.

Aos múltiplos professores que passaram pela minha trajetória escolar que contribuíram para que eu me tornasse uma professora, como eles, que acredita em seus alunos.

Ao “CHICÃO” por todas as oportunidades proporcionadas à mim, Leísa Sasso e Ghisa Porto obrigada por sempre acreditarem em nós e não desistirem.

À professora Sônia Marise que me incentivou a não desistir da minha vivência.

À professora Viviane por me orientar com tanto carinho, sou muito grata pela paciência que teve em me ouvir e proporcionar momentos incomparáveis de aprendizado, uma conversa que fez os olhos se abrirem e alcançar, em meio aos percalços, a finalização dessa etapa.

Família Manancial, obrigada pelas orações que me sustentaram nessa longa jornada.

Muito obrigada!

“Se você disser
Tudo o que quiser
Então eu escuto
Fala”
(JOÃO RICARDO/ LULI)

RESUMO

Este relato tem como proposta promover reflexões sobre a contribuição da mediação de conflitos para o diálogo no âmbito escolar através de relatos de experiência vivenciados. Essa discussão foi desenvolvida através da questão norteadora: Como a mediação de conflitos pode contribuir para o desenvolvimento dialógico no contexto escolar? Na qual este trabalho tem como objetivo compreender a atuação da mediação de conflitos e sua contribuição para o diálogo através do desenvolvimento do Projeto Estudar em Paz: Mediação de Conflitos no Contexto Escolar. Através do aporte teórico são discutidos os conceitos da mediação de conflitos. Os principais autores utilizados foram: Flávia Beleza, Johan Galtung e Daniela Furtado. Com o auxílio de alguns casos vivenciados é possível visualizar a intervenção do projeto na efetivação do diálogo na escola em todos os segmentos. Este trabalho foi escrito através da experiência de atuação na formação de alunos em mediação na qual é possível desenvolver idéias da importância desse projeto na constituição de uma nova visão de educação.

Palavras-chave: Mediação de conflitos; Mediação social; Diálogo, Violência na escola.

ABSTRACT

This monography aims to promote reflections about the contribution of conflict mediation to dialogue in the school context through experiences reports. This discussion was developed through the guiding question: How can mediation of conflicts contribute to dialogical development in the school context? The purpose of this research has the objective of understanding the role of conflict mediation and its contribution to dialogue through the development of the Study in Peace Project: Mediation of Conflicts in the School Context. Through the theoretical contribution the concepts of conflict mediation are discussed. The main authors used are: FláviaBeleza, Johan Galtung and Daniela Furtado. With the help of some real cases, it is possible to visualize how the project steps in the effectiveness of dialogue at school in all segments. This search was written through the experience of acting in student formation in which it is possible to develop ideas of the importance of this project in the formation of a new vision of education.

Keywords: Conflict mediation; Social mediation; Dialogue, Violence at school.

SUMÁRIO

MEMORIAL	9
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I- VIOLÊNCIA	18
CAPÍTULO II- MEDIAÇÃO SOCIAL E O PROJETO ESTUDAR EM PAZ	22
CAPÍTULO III- RELATO DE EXPERIÊNCIA	27
A formação como mediador	27
Relato 1	28
Relato 2	29
Relato 3	30
Relato 4	30
DISCUSSÃO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS	31
REFERÊNCIAS	34

MEMORIAL

Nasci em 1993, no dia 09 de março; sou a segunda filha de Francisco Rodrigues e primeira e única filha de Elza Viana e irmã, somente por parte de pai, da Bruna, três anos mais velha que eu. Meu pai é natural de Batalha, Piauí e minha mãe nascida em Mocambinho município de Januária, Minas Gerais.

Minha trajetória escolar começou aos três anos de idade em uma escola particular, Escola Master, da Região Administrativa em que resido, São Sebastião, na qual já cheguei com um conhecimento prévio por sempre receber estímulos em casa através dos meus pais. Cheguei à escola conhecendo letras, números e sabendo soletrar o meu nome. No dia da minha matrícula na escola cheguei a corrigir a diretora, explicando que meu nome é Thaís com Th e acento agudo no i, história que é lembrada e contada sempre com muitos risos. A partir de relatos da minha mãe e da minha primeira professora, Siloane, que mantenho contato até o dia de hoje, minha fase de adaptação foi muito tranquila, não houve choro e nem estranhamento.

A decisão de ser mandada para a escola veio de uma grande insistência da minha parte, nós sempre moramos na rua de uma escola e sempre que eu via os alunos indo para ela chorava e pedia para a minha mãe para ir também.

Desenvolvi muitos talentos nesta escola, por ter uma desenvoltura que logo foi detectada pelas professoras sempre era convidada para dançar, recitar, atuar e participar de qualquer apresentação comemorativa que tivesse na escola. Particpei de aulas extras nessa época que marcaram muito minha vida, como a aula de coral por exemplo. Após o Jardim II pulei uma série e fui direto para a primeira série, ficando adiantada na minha trajetória escolar. Estudei nesta escola até a minha terceira série, por motivos financeiros e pela separação dos meus pais, precisamos cancelar minha matricula na escola. Para mim foi uma mudança muito drástica, não só pela separação dos meus pais, mas também pela troca de escola, havia um medo do desconhecido, um medo de perder todos os amigos e perder todo o contato com as professoras que fizeram parte da minha vida até aquele momento.

Comecei a estudar na Escola Classe Jardim Botânico, era uma escola muito linda, nós fazíamos passeios e trilhas pelo Parque do Jardim Botânico, estudavam muitos alunos da minha cidade encontrei até alguns colegas que tinham estudado comigo na minha primeira escola, me senti em casa, mesmo tendo sido deslocada e não permanecendo na minha cidade. Ocorreram alguns percalços que trouxeram algumas dificuldades para essa minha adaptação

em relação ao ensino que tinha metodologias diferentes relacionado a escola anterior, neste ano tive quatro professoras que devido alguns problemas de saúde e questões burocráticas, tive muitas dificuldades para acompanhar a turma e o ritmo que a série tinha, mas no fim consegui me recuperar e passar de ano. Infelizmente essa escola só tinha até a quarta série e tive que novamente trocar de escola.

Apesar da distância da minha casa sempre me senti bem na escola Jardim Botânico, mas quando fui para o Centro de Ensino Fundamental 413 sul, me senti completamente deslocada, além de ser um ritmo diferente devido a troca de segmento e ao ritmo que a série propunha relacionado às novas disciplinas, era uma escola completamente desmotivadora, posso destacar que foi a pior experiência da minha vida escolar, tive contato com muitas pessoas de várias cidades do DF que se sentiam deslocados, tanto quanto eu, e não se sentiam pertencentes aquele espaço, como eu também me sentia. Havia muitos professores que desrespeitavam seus alunos e nem os tratavam como pessoas, já havia ocorrido muitas mudanças, já não era fácil ter vários professores, um para cada matéria, ainda tinha que trocar de sala nos momentos que o sinal tocava? Que mundo era esse? Essa era mesmo uma escola? Me sentia muito desmotivada e desrespeitada. Houve uma certa vez que a professora de Ciências em uma aula começou a dizer que nossos pais eram irresponsáveis por nos deixar jogados na escola pública e que eles deveriam no mínimo trabalhar pra dar uma educação boa pra todos que estavam ali, mas ao invés disso nos deixavam naquela escola, como se nossos pais tivessem escolha, muitos de nós mal víamos nossos pais, que passavam o dia fora de casa trabalhando. Essa foi a última aula que assisti daquela professora. Comecei a matar aula até o dia que a escola resolveu ligar para minha mãe, alguma providência precisava ser tomada. Eu e alguns colegas fomos questionados o por quê de matarmos tantas aulas, me lembro de falar o que havia ocorrido com a professora e simplesmente disseram que não podiam fazer nada. Minha mãe sem pensar duas vezes retirou a minha matrícula daquela escola.

Neste mesmo ano fui trocada de escola e voltei para a minha cidade, vim para o Centro de Ensino Fundamental São José, já era no meio do terceiro bimestre, não consegui me recuperar e infelizmente reprovei a quinta série.

No ano de 2004 permaneci nessa escola e estava repetindo a quinta série, tive alguns problemas de saúde o que me manteve fora da escola por um bimestre inteiro, e reprovei novamente a quinta série, minha mãe mesmo ficando muito triste e brava com a situação, me apoiou e não permitiu que eu desistisse da minha vida escolar. Apesar das dificuldades que tive nesta série carreguei comigo uma grande amizade a qual conservo até o dia de hoje e que sempre divide comigo conquistas importantes na minha vida, minha amiga, irmã, Raiane.

Consegui passar de ano e finalmente sair da quinta série no ano de 2005, infelizmente com essas repetências perdi o ano que tinha sido adiantada na educação infantil.

A minha sexta série foi a melhor, tive professores excelentes que marcaram a minha vida, professora Andréa de Geografia e História, professora Andréa Kaiser de Ciências, professora Fabiana de Educação Física, Iracilda de Português e o professor Corsatto de PD, os vejo como os grandes responsáveis pela minha formação como sujeito político em meio a sociedade. Nesta escola vivi grandes momentos, fiz grandes amigos, que mantenho o contato até hoje, vi a realidade nua e crua da minha comunidade e percebi o quanto o externo interfere em uma escola, perdendo amigos para as drogas e a vida no crime, foi quando aprendi a respeitar e entender as realidades diferentes da minha, que mesmo sendo da periferia e tendo um lar desestruturado recebia muito apoio dos meus pais, onde sempre tive um refúgio.

Em 2008, último ano na Escola São José, começou o projeto Mais Educação na escola, o horário integral, percebi o quanto o Governo não conhecia a realidade das escolas e o quanto o corpo de gestão tinha que se virar para proporcionar o possível, diante das condições para seus alunos.

No ano de 2009, comecei meu Ensino Médio no Centro Educacional São Francisco, conhecido e apelidado, carinhosamente, como “Chiquinho”, fiquei espantada, ao buscar meus livros didáticos e conhecer a escola vi que era um galpão com apenas 18 salas de aula e uma sala que servia para todo o corpo gestor da escola, da direção à secretaria, tudo funcionava na mesma sala com apenas mesas que dividiam o espaço. Eu ainda não conhecia a história dessa escola que seria a mais importante na minha trajetória escolar.

No ano de 2008 o único Ensino Médio da cidade de São Sebastião teve em torno de 80% de reprovação somente no primeiro ano do Ensino Médio, o que forçou os alunos que tinham acabado de se formar no Ensino Fundamental a irem para outra escola, os alunos pegavam ônibus escolares sucateados para utilizarem um espaço emprestado de uma escola, o Centro Educacional Gisno, localizado na Asa Norte, o deslocamento precário e a falta de espaço suficiente para comportar todos alunos, levou os pais, os alunos, professores e o corpo gestor da escola à conquistarem o espaço que tanto me espantou, um galpão pequeno atrás do Caique da cidade. Mal eu sabia que ali eu teria o meu primeiro contato com um leque de oportunidades que me ajudaria na futura formação que eu escolheria.

O “Chiquinho” tinha um PPP diversificado o que permitia que a escola proporcionasse projetos interdisciplinares e de grande variedade para seus alunos. Tínhamos projeto de Circo, Pintura, Produção de amaciante, Inglês, Espanhol, Artesanato, Ioga, Produção de textos, Oficina de desenhos, História de um jeito diferente, entre muitos outros. A maioria era

oferecido pelos próprios professores, que tinham a oportunidade de aplicar um projeto com uma temática diferenciada que tivessem afinidade, que não necessariamente precisava estar ligado à matéria que era aplicada dentro de sala de aula. O PPP, também, dava abertura para que a escola recebesse projetos oferecidos por instituições externas, Ong's, Movimentos Culturais, Projetos de extensão da Universidade de Brasília- UnB, e todos que chegavam e apresentavam um interesse em desenvolver e se envolver com a escola desenvolvendo algo com a comunidade escolar em geral.

No meio do ano de 2009, durante as férias, nossa escola recebeu o prédio permanente. Tivemos nosso espaço ampliado e com um espaço amplo que contava com Sala de diretoria, Sala de professores, Sala de secretaria, Laboratório de informática, Laboratório de ciências, Sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), Quadra de esportes coberta, Cozinha, Biblioteca, Sala de leitura, Banheiro dentro do prédio, Banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, Banheiro com chuveiro, Almoxarifado, Auditório, Pátio coberto, Pátio descoberto e Área verde (Portal SEDF). Devido ao aumento da escola, o apelido foi alterado para “Chicão” o apelido de “Chiquinho” já não descrevia e nem comportava o tamanho da escola que conquistamos. O “Chiquinho” sempre terá espaço garantido no coração de todos que passaram por lá, foi onde laços foram estreitados e as dificuldades uniram a comunidade escolar como uma só, mesmo com as diferenças existentes.

Nesse mesmo ano a escola abriu as portas para um projeto chamado Estudar em Paz - Mediação de Conflitos no Contexto Escolar, abriu as portas também para um projeto de Teatro oferecido pelo movimento Radicais Livres e um de Teatro de Bonecos oferecido pelo LATA - Laboratório de Teatro de Formas Animadas da Universidade De Brasília.

Entre todos que eu já havia participado, sempre tive uma afinidade muito grande com o Teatro resolvi participar dos dois projetos que tinham na escola, o oferecido pelo Movimento Cultural e o Teatro de bonecos oferecido pelo LATA. Fiquei apaixonada, pelo teatro de bonecos nunca havia tido contato além de expectadora com essa técnica, foi uma experiência única, a professora Leila Rabelo e o professor Antoniel nos incentivavam com técnicas maravilhosas, a criação dos nossos bonecos foi tão pessoal, foi uma parte de nós que foi dedicado com muito amor e carinho o que nos proporcionou apresentações incríveis. Dividi esse espaço com pessoas muito especiais, minhas amigas Stéfani e Camila, e um grande professor querido de Filosofia, que infelizmente veio a falecer, Leonardo Loiola, que contribuiu com essa formação tão importante.

O teatro oferecido pelo Movimento Cultural foi muito bom, pois conheci pessoas maravilhosas, Júlio César e Isaac Mendes que ofereceram o curso e foram nossos professores, Nanah e Paulo Dagomé que também faziam parte do Movimento. Além das aulas eles proporcionaram debates políticos que cada vez, juntamente com a escola, formava cidadãos críticos e conscientes da realidade e comunidade da qual faziam parte.

Em 2010 mantive contato com o Movimento Cultural o qual me convidou para fazer parte de um projeto no Horário Integral - Mais Educação, da Escola Classe Vila Nova, onde tive a oportunidade de dar aula como voluntária da comunidade do que aprendi no Teatro e no Teatro de Bonecos, era uma oportunidade ímpar de devolver à minha comunidade o que tive oportunidade de aprender. Começar a conciliar meus estudos com as aulas foi um pouco complicado, mas era gratificante estar com os meus alunos e desenvolver este projeto lindo.

Eu dava aula para turmas mescladas, com crianças de 8 à 12 anos, pude transmitir o conhecimento que eu havia apreendido, mas as dificuldades logo apareceram, meus alunos começaram a se desrespeitar e demonstrar racismo, preconceito pela forma física, por como o colega se vestia e se havia um aluno que se dedicava mais era sufocado pelas repreensões e chacotas dos colegas. Isso começou a refletir dentro da sala nos momentos da aula cada vez com mais intensidade. Houve uma ocasião que um aluno entrou na sala e ameaçou o colega dizendo várias palavras de baixo calão na frente de todos e disse que o mataria no final do aula. Fiquei apavorada com a situação procurei a direção da escola que tentou me tranquilizar dizendo que o Batalhão Escolar seria alertado e que estariam na porta da escola na hora da saída, essa resposta me apavorou ainda mais, eu estava falando de crianças e eu esperava uma intervenção dentro da escola, no mínimo uma conversa com o orientador educacional, o que não ocorreu.

Essa situação me levou a procurar o núcleo de Mediação da minha escola, fui bem recebida, ouvida, tive um apoio esplêndido da equipe, fui recebida pela Daniele aluna pesquisadora do projeto e a Flávia Beleza coordenadora do projeto, elas me ofereceram a oportunidade de fazer o curso de Mediação social, através do Projeto Estudar em Paz, sem pensar duas vezes aceitei o convite e o estendi para todos meus colegas do Movimento que eram voluntários na Escola Classe Vila Nova. O Projeto de mediação nos ajudou a ouvir e a dialogar com os nossos alunos e várias intervenções puderam ser feitas o que otimizou nosso trabalho com as crianças.

No meu último ano do Ensino Médio veio o grande conflito interno, qual seria o curso que eu escolheria? Qual carreira seguir? Será que Artes Cênicas era uma boa profissão? Sempre achei que eu faria Artes Cênicas, eu sempre tive muita afinidade com as Artes e eu

amava teatro, mas eu havia me apaixonado pela experiência com os alunos da Escola Classe Vila Nova, eles me encantaram com sua simplicidade e disponibilidade em querer em meio tantas dificuldades que a realidade trazia. Artes Cênicas tinha muito haver comigo, mas não seria uma formação completa para dar aula, o que se tornou minha paixão, acabei optando, então, por Pedagogia. A diretora da minha escola, Leísa Sasso grande incentivadora para que eu entrasse em Cênicas quase teve um colapso quando disse qual era a minha escolha, após muitas conversas com ela e com a vice diretora Gisa Porto acabei tendo certeza que essa era a minha escolha. O coordenador do Movimento cultural na época, Júlio César, me incentivou e esclareceu várias dúvidas, ele estudava Pedagogia na UnB e me orientou como proceder.

Para minha surpresa através do PAS, Processo de Avaliação Seriada, eu consegui passar para Pedagogia na Universidade de Brasília, um sonho! A primeira a passar em uma Universidade Federal da família, uma grande felicidade que mal cabia dentro de mim, proporcionar isso aos meus pais e a minha família, não tinha preço, minha avó Rita, “Dona Nega”, mal podia acreditar quando contei, ela quase infartou com os gritos de alegria que dei ao saber o resultado, ela analfabeta por não ter tido a chance de estudar, tinha hoje a única neta no Ensino Superior.

O meu primeiro semestre foi uma loucura, muitas novidades, e um mundo completamente novo para explorar. Acabei reencontrando um amigo que passou comigo, Fábio Freire, o qual me acompanhou em matérias e me ajudou nessa caminhada acadêmica desde que entramos na Faculdade de Educação. Para minha surpresa já no meu primeiro semestre fui convidada à participar e ser bolsista do projeto Estudar em Paz, que é um Projeto de Extensão de Ação Contínua (Peac) da Universidade de Brasília/UnB.

O Estudar em Paz me proporcionou a oportunidade de me tornar um professor ouvinte, compreender meu papel como professora social, ter o olhar atento ao meu aluno, e ver a autonomia e a alteridade sendo aflorados. Em 2012 o Projeto me proporcionou voltar a minha comunidade, exatamente na minha escola de Ensino Médio, pude aplicar o curso e formar mediadores onde foi trabalhado conceitos complexos de violência, direta, estrutural e cultural (GALTUNG, 1995).

Participar do projeto como Monitora ampliou meu olhar e me fez enxergar as possibilidades que eu teria ao ser educadora, me fez ver o quanto o diálogo pode ajudar uma comunidade a desenvolver e aprender a lidar com os conflitos existentes dentro do âmbito escolar, que a criação de laços é importante. Na minha trajetória tantos laços foram criados e foram contribuintes importantes para chegar até aqui, porque não proporcionar isso aos meus alunos?

A partir de tudo isso fiz um compromisso comigo mesma, escutar. *Escutar significa estar aberto aos outros e ao que eles têm a dizer, ouvindo as cem (e mais) linguagens com todos os nossos sentidos.*(RINALDI, 2012).

Leitor, o objetivo deste memorial é para que você possa compreender a partir da minha história de vida um pouco da minha linha de pensamento e o que norteou todo este trabalho, caso você se identifique com minhas experiências e, sentir-se à vontade, possamos construir novas experiências e pensamentos inovadores que proporcionem uma educação cada vez melhor.

INTRODUÇÃO

Tal como a sociedade como um todo no ambiente escolar as relações de poder existem e limitam muitos sujeitos da comunidade escolar a manifestar suas idéias e pensamentos. Há muitas relações de poder envolvidas no ambiente escolar as quais limitam seus participantes a se manifestarem, como Vlach (2004) escreve *“a ideologia inverteu o real, pois o sujeito (...) foi substituído pelo objeto (...) e esta inversão implicou (e implica) ausência de reflexão (...) pois apenas o sujeito é capaz de reflexão.”* (VLACH, 2004). O diálogo que deveria ser livre, principalmente em um ambiente de formação, perde-se na verticalização das relações na instituição escolar (alunos, professores, servidores, pais, direção, comunidade interna e externa) que está cada vez mais ganhando espaço e sendo firmada, o que traz uma grande preocupação porque esta perda de diálogo impossibilita o desenvolvimento de relações horizontais onde se fomente uma comunicação efetiva e afetiva.

No decorrer do curso de Pedagogia nota-se que um dos anseios dos professores, não só os que estão passando pelo processo de formação, mas também os que já são formados e que possuem sua carreira consolidada, é que a escola seja um ambiente transformador social, de fato, que proporcione ao educando momentos de construção e transformação da realidade social para se tornar um educando sujeito. Ao perceber que seu anseio, muitas vezes, não condiz com a realidade encontrada o professor se perde dentro da lógica já implantada e mesmo sem perceber repete práticas que ele próprio combatia mantendo assim uma relação de poder verticalizada.

Por outro lado o educando, de comunidades periféricas ou não, estão inseridos em um contexto repressor, onde deveria ser motivador. O ambiente escolar, mesmo com o avanço tecnológico, não dialoga de fato com seus educandos tornando-os sujeitos com dificuldade de expressar seus sentimentos e pensamentos, utilizando, em muitas vezes, a violência, seja ela física, verbal ou psicológica, como forma de se mostrar e expor suas emoções.

Diante de tais fatos a comunidade escolar tem grandes dificuldades e enfrenta grandes desafios com as violências sofridas no ambiente escolar e fora dele, principalmente com a influência delas em suas relações diárias devido a falta do reconhecimento da existência e compreensão com o próximo o que gera grandes conflitos.

É através das experiências vivenciadas no projeto: “Estudar em Paz: Mediação de Conflitos no Contexto Escolar” adaptado pela Professora Flávia Beleza, o qual através de experiências que serão usadas como ilustrações no decorrer do desenvolvimento deste

trabalho que algumas reflexões surgiram como a seguinte: A importância da mediação de conflitos na contribuição do desenvolvimento dialógico no contexto escolar. Percebemos com a mediação que todos os envolvidos com a escola passam a compreender o seu papel na comunidade e a partir dessa experiência o diálogo é facilitado, pois todos começam a perceber o outro e suas contribuições para o meio em que se está, sendo assim a mediação social tem o papel de abrir espaço para o diálogo perdido e principalmente para a reflexão.

Este trabalho, para melhor compreensão, contém uma breve explanação sobre as Violências e seus conceitos, seguindo conheceremos um pouco sobre a mediação social e suas contribuições para o diálogo através do Projeto Estudar em Paz que norteou e inspirou este trabalho, este será ilustrado, também, com relatos de experiências que ocorreram no processo de aprendizado proporcionado neste projeto.

CAPÍTULO I- VIOLÊNCIA

Em primeiro lugar, a paz já não é o contrário de guerra, mas sim de sua antítese, que é a violência, dado que a guerra é apenas um tipo de violência, mas não o único. Em segundo lugar, a violência não é unicamente a que se exerce mediante a agressão física direta ou por meio de diferentes artificios bélicos que se podem usar, mas é preciso levar em conta também outras formas de violência menos visíveis, mas difíceis de reconhecer, mas também mais perversas no sentido de produzir mais sofrimento humano. (JARES apud FURTADO 2011, p. 28 e 29)

A violência atinge todo o mundo de uma forma geral e cada lugar, por causa das suas peculiaridades culturais são atingidos de formas diferentes. Aqui no Brasil entendemos violência de acordo com os grandes índices de homicídios nas grandes capitais do país e seus municípios, de acordo com o Atlas da Violência 2017, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). No âmbito escolar não é diferente, podemos ver com clareza vários tipos de violência, como a estrutural que para Galtung (1990) é a mais complexa pois está relacionada “à discursos violentos e a estruturas de dominação”, algumas violências que são visíveis como o bullying, agressões físicas, verbais e as violências simbólicas como ver professores doentes devida as frustrações que a carreira traz com seus idealismos equivocados os tornando vítimas dentro deste sistema.

Segundo Furtado a violência “é tudo aquilo que impede o desenvolvimento humano”. Johan Galtung trata de forma detalhada a violência classificando-a em três supertipos que são:

- 1- Violência Direta - existe uma relação clara e direta entre o sujeito e o objetivo e sua ação pode ser verbal ou física.
- 2- Violência Estrutural - é indireta transmitida pela estrutura (repressão), resultante da desigualdade de poder.
- 3- Violência Cultural - aspectos da esfera simbólica que servem para minimizar ou ocultar as anteriores. (GALTUNG apud FURTADO 2011)

Violência Direta é a violência física ou psicológica que pode ser ocasionada por uma pessoa ou grupo contra uma pessoa ou mais, podemos ver com clareza em situações que um determinado grupo na escola não gosta, por exemplo, do aluno que geralmente tira sempre boas notas, mas que não é tão envolvido com os colegas pois se concentra somente nos seus estudos, ou aquele aluno que geralmente é tímido e não tem tanta desenvoltura para se aproximar do restante da turma, ocasionando assim o que conhecemos como o Bullying onde um grupo se acha no direito de começar a tratar esse aluno com violências físicas, colocando apelidos, fazendo ameaças, levantando falso testemunho gerando fofocas, causando vários

tipos de humilhações ou simplesmente causando uma violência psicológica isolando e ignorando este colega com a intenção de feri-lo.

Violência Estrutural é a violência que não é ocasionada por pessoas, mas sim pela estrutura proporcionada pela Sociedade e o Estado, por exemplo, quando os recursos públicos são distribuídos de formas desiguais entre os estados. A violência estrutural aparece com clareza até mesmo na mesma cidade entre bairros localizados em áreas distintas onde alguns tem uma infra estrutura melhor, como água potável, energia elétrica, rede viária, redes de esgotamento, telefone, entre outras, que viabilizam a mobilidade das pessoas, enquanto outros bairros não tem o básico como energia elétrica e água potável, podemos colocar nesta lista os serviços públicos ruins que também são prestados, como a saúde com baixa qualidade a educação com escolas depredadas e profissionais desvalorizados, transporte público sucateado e uma segurança pública falha.

Violência Cultural e simbólica é a violência criada para mascarar as violências direta e estrutural, o intuito é transformar coisas ruins em coisas boas fazendo assim ser aceito pelo que é mais fraco o que é imposto pelo mais forte sendo assim o mais fraco é obrigado a se adequar à regras impostas, como chefes autoritários exigirem que os funcionários façam hora extra sem o pagamento devido, revistas que estabelecem um padrão “ideal” de mulheres perfeitas e programas jornalísticos policiais que fazem a representação social das camadas mais pobres e em contrapartida estampando ambientes confortáveis, prósperos e bem sucedidos temos a representação das camadas de classe alta e média, com esse contraste visível e falta de representação social as mídias impõem qual o seu lugar na sociedade não permitindo ser visto as oportunidades que realmente se tem.

Esses três tipos de violências explicitadas por Galtung nos mostram a dimensão ampla que a violência atinge, e que vai além do que estamos habituados no nosso dia a dia. No ambiente escolar, uma esfera menor da sociedade, podemos ver que alguns conflitos podem desencadear todas essas violências, que geralmente ocorrem pela “dificuldade de lidar com o outro” e a partir das divergências de idéias que podem fazer esses conflitos aí sim desencadear agressões verbais e físicas como supracitado.

No Distrito Federal (DF) temos 31 regiões administrativas as quais, não contém a quantidade de escolas necessárias para comportar todos os alunos que a cada ano tem aumentos consideráveis em cada região, sendo assim, muitos alunos precisam se deslocar para estudarem em outras regionais, geralmente na regional do Plano Piloto, onde passam por todo um transtorno para chegarem a escola através do transporte público que não comporta com segurança todos que utilizam esse serviço, após essa violência estrutural silenciosa sofrida ao

chegar na escola o aluno não se sente pertencente ao espaço escolar ao se deparar com diferentes realidades de pessoas que pertencem à outras localidades. Por sua vez temos professores que permanecem em formação contínua e tem uma carreira desvalorizada onde seu salário por muitas vezes é inferior a um profissional que apenas com uma graduação recebe o equivalente a dois salários do professor. O professor tem em suas costas o estigma de serem super heróis que vão salvar o mundo através da educação, mas ao chegar à escola se depara salas sucateadas com falta de material didático pedagógico e falta de apoio de seus diretores e coordenadores que não tem conhecimento das diversas realidades peculiares existentes na comunidade escolar atendida.

Conforme o passar do tempo a convivência no âmbito escolar vai gerando atritos, os alunos não correspondem conforme os professores esperam o que causa um déficit no desenvolvimento cognitivo desses alunos e os professores por si só se sentem frustrados ao perceberem que não podem, sozinhos, combaterem todas essas violências presentes. Como trazido por Vieira, Brasil e Legnani (p. 718) os alunos se sentem inferiorizados pelos professores que trazem conteúdos de séries anteriores, fazendo-os se sentir incapacitados e em contrapartida os professores que se dedicam em suas aulas aplicando os conteúdos necessários não compreendem o porquê da falta de interesse dos alunos durante a ministração dos conteúdos. Os professores estão ficando cada vez mais doentes psicologicamente e fisicamente pelo esforço colocado como enfrentamento diante desses percalços, como também, por sua vez, temos alunos cada vez mais desinteressados pelas violências que perpassam suas vidas.

A cada ano que passa as notícias que estampam os noticiários relacionados às ocorrências de violências na escola só aumentam, seja por agressões verbais e físicas ou simbólicas, Vieira, Brasil e Legnani retratam com maestria a falta de tratamentos cordiais entre os professores e alunos, quando os professores criam certo distanciamento dos alunos para que assim imponham uma certa autoridade e os alunos se sentem rejeitados pela falta de compreensão que os professores têm diante das diversas realidades vividas por eles desencadeando então as violências diretas citadas.

Para Charlot, há três tipos de violência nesse âmbito, a violência *na* escola, a violência *à* escola e a violência *da* escola:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Pode-se, contudo, perguntar-se por que a escola, hoje não está mais ao abrigo de violências que outrora se detinham nas portas da escola.

A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...). (CHARLOT, 2002)

O ambiente escolar é permeado por essas diversas violências, podemos exemplificar a violência na escola com o que está se tornando cada vez mais recorrente como o tráfico de drogas que tem sua força fora dos muros da escola, mas seus acertos de contas estão cada vez mais adentrando a escola colocando em risco todos presentes. A violência à escola e da escola podemos ver através da insatisfação de alunos que deixam de ser passivos diante da violência simbólica sofrida através de somente os deveres impostos que devem ser cumpridos e aparentemente é inexistente os direitos que se tem, diante disso se expressam sucateando o espaço institucional cada vez mais, depredando a escola impossibilitando que salas, por exemplo, sejam usadas.

As violências não devem ser ignoradas e então, naturalizadas, precisa-se ter consciência da sua existência para que se possa combatê-la, no ambiente escolar deve-se começar desde cedo a conscientização para que a violência não seja internalizada e seja utilizada como única saída dos conflitos existentes, a seguir veremos como a mediação social pode ser um aliado para o enfrentamento dessas violências existentes.

CAPÍTULO II- MEDIAÇÃO SOCIAL E O PROJETO ESTUDAR EM PAZ

Entre os judeus, chineses e japoneses a mediação faz parte da cultura de usos e costumes, muitas vezes integrando os rituais religiosos. A figura do mediador pode ser institucional, decorrente de uma hierarquia na organização da vida comunitária, ou como poder delegado, ou natural, como expressão do exercício de cidadania, permitindo exaltar as personalidades do grupo social mais afeitas à comunicação humana, o que constitui o poder do mediador (BARBOSA apud FURTADO 2011, p.19)

A mediação sempre existiu nas culturas orientais em seus costumes e religiões (BARBOSA 2004/2005), estes mediadores são chamados de naturais que surgiam do meio de suas comunidades e que possuíam um reconhecimento por sua disponibilidade em ajudar ao próximo em suas necessidades, com o grande desenvolvimento urbano esses mediadores naturais foram sendo esquecidos e perdendo sua atuação (SIX, 2001).

Dada às devidas proporções, a mediação vem se tornando uma prática cada vez mais conhecida e tem tomado grandes espaços, (BARBOSA, 2004/2005). Na década de 60 os Estados Unidos com influência da cultura chinesa transformou a mediação em apenas acordos que precisavam ser garantidos, reduziu-a em resolução de conflitos, ignorando completamente o contexto que os envolvidos estavam inseridos e perdendo a característica de prevenção (FURTADO, 2011).

Em contrapartida na década de 80 foi elaborada, através dos franceses a partir de seus pensamentos, questionamentos e conhecimentos prévios existentes da mediação, eles a reformularam para que fosse mais social, afastando-se da mediação dos americanos da simples resolução de conflitos “*para construir um conceito próprio- transformação do conflito*” (GALTUNG, 2006).

Ao longo dos anos a mediação foi perdendo os seus objetivos. Em 2000 ocorreu um seminário *Mediationsociale e nouveuxmodes de réduction des conflicts de laviequotidienne*, no qual especialistas se reuniram para regulamentar a mediação social, onde perceberam que não podia limitar a mediação exclusivamente aos conflitos que precisavam ser resolvidos, mas que outras funções deveriam ser levadas em consideração, como a restauração de vínculos sociais e a criação deles, para que se obtivesse um melhoramento nas relações sociais e institucionais, sendo assim a mediação social recebeu uma definição mais abrangente. A mediação que neste trabalho será explicitada pertence a corrente TRANSFORMADORA, na qual seu objetivo maior vai além de melhorar as relações cotidianas, é de transformar os conflitos cotidianos em oportunidade de transformação social e crescimento.

A mediação social cria um espaço de diálogo participativo e o objetivo de sua existência é convidar os envolvidos a refletirem sobre a situação em que estão, para que a partir disso não vejam uma situação problema, mas sim como possibilidade da transformação da realidade em que estão inseridos. Este processo dialógico é um conjunto que permite visualizar o conflito e ajuda os indivíduos a compreenderem o outro, assim o individualismo deixa de ser o foco e as partes analisam alternativas propostas por eles mesmos conjuntamente após essa reflexão, possibilitando então a transformação do conflito existente.

O diálogo instaura a confiança entre os seres humanos, rompe silêncios e implica um pensar crítico sobre si, a coletividade e a realidade conflituosa – diálogo problematizador (FREIRE, 2005, p. 90 a 96)

Portanto a mediação social e o mediador social proporcionam o diálogo entre instituições, comunidade e pessoas, que não obtinham qualidade em suas relações. Através de uma escuta sensível o mediador compreende o conflito sem tomar para si ou se identificar com as opiniões dos outros ou ao que está sendo dito ou feito, proporciona bem estar e melhorias aos envolvidos que por eles mesmos, restauram a comunicação, a partir dos convites que vão sendo feitos pelo mediador aos participantes de refletirem sobre os seus conflitos presentes, torna-se possível uma transformação daquela situação efetivando o diálogo, *“que pressupõe horizontalidade e igualdade; funda-se no amor e não na dominação; exige humildade – ensinar e aprender com o outro e dialogar com o diferente; exige esperança e confiança nesse encontro dialógico/pedagógico; supõe reflexão e ação.”* (Projeto estudar em paz, NEP, UnB, 2017)

Um fator de extrema importância na mediação é a compreensão de que o conflito é positivo. Positivo porque só através dele o sujeito consegue evoluir pois compreendem o que se passa com eles naquele momento permite a exploração de novos pontos de vista, de interesses e valores, tornam-se capazes de transformar os seus conflitos em algo positivo, pois por meio da mediação ele aprende que é possível dialogar e refletir sobre os seus problemas. Essa nova vivência é uma experiência assim como Bondía considera: “experiência é o que nos passa, nos acontece, nos toca”. (BONDÍA, 2002, p.21)

O mediador tem o papel de ser pacificador promovendo a PAZ, quando falamos sobre paz, não estamos falando sobre as ausências de guerras e violências, mas sim de uma cultura que se promove a Paz independente das violências existentes, que por mais que as violências existam a Paz está presente para combatê-la de alguma forma. “Nesta perspectiva a construção da paz exige uma postura ativa.” (CANDAU, 2000). Construir a paz vem a partir da ação efetiva em rejeitar todos os tipos de violências e principalmente denunciá-las, lutar, não violentamente, contra todas as irregularidades que atingem a dignidade humana,

encarando a realidade e as diferenças existentes reconhecendo que por mais complexas e dura elas existem e precisam ser enfrentadas.

Uma sociedade entra em fase de conflito quando as contradições existentes no seu interior rompem os laços orgânicos que as mantinham em equilíbrio. Toda a sociedade sobrevive graças a esse equilíbrio de forças opostas (contradições). (GADOTTI, 1989, p. 74).

A partir do momento em que o mediador se enxerga como mediador ele começa a perceber que a mediação é um processo afirmativo e ao se ver em situações que o levam a perceber que independente de onde ele esteja ele se torna um agente transformador do meio em que está e que independente do ambiente, seja ele escolar ou não, ele adquire experiências que contribuem diretamente para sua formação como mediador, ele começa a proporcionar momentos em que se é detectado o conflito com mais facilidade, podendo assim o quanto antes transformá-lo para adquirir melhores momentos de convivência. Colocações da carta de referência sobre a mediação é destacada no texto de Beleza (2009), no qual ela cita as contribuições e a forma como o mediador social faz suas intervenções na comunidade em que ele está inserido:

Avaliação sistêmica e contextualizada das disfunções e dos conflitos, buscando a interação entre o conjunto de atores envolvidos; Intervenção essencialmente generalistas, no sentido de não especializada; Ação sobre as partes a partir de uma posição de terceiro, formando uma relação ternária que implica em relativa neutralidade diante da questão tratar; A autoridade da intervenção repousa sobre a palavra, sobre a capacidade de escutar os diferentes pontos de vista e criar ou restaurar comunicação entre as partes envolvidas, a partir da autoridade conferida livremente pelas pessoas; Trabalho pedagógico de explicitação e de apropriação da lei e das regras da vida coletiva, trabalhando sobre o sentido e os valores ligados a essas regras inclusive para modificá-las; Fazer emergir novos modos de sociabilidade e de resolução e tratamento dos conflitos, por meio da presença física do mediador nos diversos territórios; Manutenção da legitimidade fundada sobre os serviços realizado, dentro da lógica de competência; Princípios que regem as ações são construídos nas localidades de atuação conforme a exigência da situação, por isso os mediadores estão sempre em formação. (BELEZA 2009 pg. 36)

A mediação social transformadora, através do Projeto estudar em Paz, acontece a partir de uma formação onde cada indivíduo entende o seu papel na sociedade, reconhecendo os seus direitos e deveres, compreendendo as violências que os cercam sejam elas diretas ou culturais (GALTUNG, 1993), concluindo a importância dos conflitos no seu processo de constituição e transformação. A mediação social, como em toda mediação de conflitos, é uma prática dialógica, o diálogo é orientado para atender os objetivos da mediação social:

(...) fomentar a comunicação na sociedade; ajudar a desenvolver e fortalecer o vínculo social e contribuir para a inclusão de populações excluídas; contribuir para a prevenção e enfrentamento à violência. Portanto, a mediação social não está voltada para a construção de acordos ou consensos passivos, mas para o desenvolvimento da democracia e a formação de cidadãos e cidadãs inseridos na vida política da cidade (participativos/as). (Projeto Estudar em Paz, NEP, UnB, 2017)

Uma das funções que a mediação, do estudar em paz, propõe ao mediador é a participação, através da sua inserção, seja ela em espaços da própria escola ou em associações e instituições da sua comunidade, ele promova a inclusão e integração dos que estão ao seu redor a participarem de tomadas de decisões pelo bem comum já que na democracia participativa a vontade geral é o que prevalece. A participação do sujeito em momentos importantes sejam eles em conferências ou até em reuniões de moradores do bairro é onde começa ter o entendimento que todos temos voz e que não se está sozinho em meio a multidão, onde pode-se ver idéias saindo do papel e sendo proporcionados não somente para aquele meio onde se teve o ponto de partida, onde é capaz de se ver alcançando níveis nacionais. Com esta ação totalmente educativa percebe-se que a participação é uma forma de poder, mas mesmo todos nós obtendo esse poder não o vemos. *Cidadão é o homem participante* (DEMO, 1988, p. 71). A mediação social promove, no contexto escolar, incentivo a participação de todos na gestão da escola (direção, família, professores, alunos, comunidade) e a integração da escola com a rede social da cidade (CRAS, CAPS, Conselho Tutelar...).

O Projeto Estudar em Paz: Mediação de conflitos no contexto Escolar é um Projeto de Extensão de Ação Contínua (Peac) da Universidade de Brasília/UnB, sob a coordenação do Núcleo de Estudos para a Paz e os Direitos Humanos (NEP). *O projeto (PEAC) trabalha na desconstrução da violência na medida em que estimula a construção de uma cultura de paz, utilizando o conceito de paz positiva* (GALTUNG, 1995). O projeto existe desde 2009 com o objetivo de:

[...] levar a proposta da mediação social para as escolas da rede pública de ensino do Distrito Federal, por meio da formação de mediadores(as) sociais (alunos(as), professores(as), servidores(as), corpo técnico-administrativo e pais/mães e pessoas da comunidade) e da promoção dos valores da Cultura de Paz, dos direitos humanos, de justiça e cidadania. (BELEZA, 2011, p. 02)

Ao ser finalizado, e durante, a formação dos mediadores do Projeto, é começada uma mobilização e disponibilização no ambiente escolar de colaboração nas relações existentes na escola, direção, família, professores, alunos, comunidade, em resumo, todas as relações existentes no âmbito escolar, inclusive entre as redes sociais externas que colaboram de alguma forma. O mediador se torna imparcial diante do conflito explicitado e tenta ajudar na reparação dos laços enfrentando as violências a partir da compreensão dos conflitos se tornando sujeitos conscientes e participativos, como explicita Flávia Beleza:

[...] a mediação social no contexto escolar se apresenta como uma ação socioeducativa importante, capaz de colaborar para a formação de cidadãos (ãs) conscientes da sua realidade, uma vez que a reflexão produzida no processo de mediação do conflito contribui para pensar (desvelar) a realidade conflituosa, a

discriminação, a opressão, a exclusão e as violências em todas as suas manifestações (BELEZA, 2009).

Tendo em vista a experiência vivenciada no *Projeto Estudar em Paz: Mediação de Conflitos no Contexto Escolar* a seguir será relatado alguns casos de mediações mediadas por mim, os quais inspiraram esse trabalho, os nomes das pessoas que participaram das mediações serão resguardados.

CAPÍTULO III- RELATO DE EXPERIÊNCIA

A formação como mediador

O *Projeto Estudar em Paz* ministra aulas sobre a mediação social e geralmente divulga na escola onde ocorrerá o curso através de cartazes pela escola, avisos em sala de aula e abordagens durante os intervalos, alguns alunos são indicados pela própria direção, mas em sua maioria são os próprios alunos que nos procuram para fazerem suas inscrições.

O curso dura por volta de dois meses e é dividido entre módulos teóricos e práticos, na sua parte teórica vemos que por mais que a mediação social seja confundida diversas vezes pela mediação tradicional por suas similaridades como a presença de um terceiro, o mediador, percebemos que não é um método somente para resolução de conflitos, mas sim uma prática social voltada para a criação e reparação de laços. (FRANÇA apud BELEZA, 2011). Em sua parte prática vemos como nos portar diante das mediações, como ouvintes imparciais, aprendemos que sempre estamos acompanhados por um co-mediador e que dependendo da quantidade de envolvidos é importante ter mais que uma dupla de mediadores e que estes devem ser de preferência do mesmo segmento dos que estão sendo atendidos. O mais importante: o dito durante uma mediação não sairá de lá, tornando o núcleo de mediação um espaço de confiança e respeito no qual todos da escola se sintam seguros.

A partir do primeiro contato e experiência com o projeto que se prorrogou até o ano de 2011 houve o interesse dessa graduanda de escolher o curso de Pedagogia em 2012. Esse ingresso à universidade proporcionou o convite para participar como bolsista do Projeto Estudar em Paz: Mediação de Conflitos no Contexto Escolar. Por sua vez, a continuidade da minha formação como mediadora social trouxe contribuições riquíssimas para a minha formação como educadora.

Quando entrei como bolsista no Projeto Estudar em Paz, por causa da minha formação anterior no curso durante o ensino médio, já comecei a atuar junto com alguns bolsistas participantes do projeto e ministrava nas escolas e regionais de ensino o curso. No ano de 2012 o Projeto estava atuando em três escolas, CED São Francisco (São Sebastião/DF), Centro de Ensino Fundamental 02 (Paranoá/DF), e o Centro de Ensino Fundamental 602 (Recanto das Emas/DF) e duas regionais a Regional de Ensino do Gama/DF e a Regional de ensino de Samambaia/DF onde 40 orientadores educacionais foram formados.

Nós nos dividíamos entre coordenações semanais, onde compartilhávamos o andamento do projeto na escola em que estávamos, aulas que ministrávamos e visitas nas outras regionais. Eu atuava no grupo da cidade de São Sebastião e entre as ações do projeto

fazíamos um mapeamento das redes sociais de proteção das Regiões Administrativas atendidas pelo projeto. Os atendimentos prestados às regiões em que estávamos presentes éramos do Conselho Tutelar, Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e outras instituições públicas e privadas que fazem parte da rede. Em São Sebastião há uma peculiaridade: um Fórum das Entidades da cidade que proporciona um atendimento para as comunidades escolares. Percebeu-se, no entanto, uma quantidade mínima desses espaços diante da grande demanda da população. Algumas das regionais atendidas pelo projeto não tinham, por exemplo, Centros Especializados em Assistência Social (CREAS) e CAPS. Realidade brasileira que acaba, como esclarece CARNEIRO (2014), “*dificultando o acesso dos moradores a política de Assistência Social e influenciando a realidade do aluno.*”

Será relatado a seguir fragmentos numerados de experiências proporcionadas pelo projeto no decorrer da minha formação como educadora:

Relato 1

Tivemos uma mediação coletiva, onde o método ocorre de forma diferenciada pela quantidade de pessoas presentes, temos o mediador e o co-mediador, o co-mediador fica com o papel de anotar os pontos importantes que são tocados durante a mediação colaborando com o mediador que conduz a mediação através de perguntas norteadoras, caso veja necessidade solicita ao mediador para que faça alguma ressalva. Esta mediação ocorreu em um dos nossos plantões, que ocorriam nos horários contrários das aulas dos alunos do projeto, às vezes esses plantões também ocorriam no turno da aula, mas somente durante os intervalos, em uma das escolas atendidas pelo projeto. Foi coletiva diante da grande quantidade de pessoas envolvidas, 10 pessoas, os alunos envolvidos tinham por volta de dezesseis anos de idade e dezoito anos de idade. Assim, foram chamados alunos mediadores e professores mediadores, já que o caso envolvia os dois segmentos. Houve um passeio na escola e o nome de uma aluna que havia pagado o ônibus do passeio não constava na lista da professora responsável. A professora solicitou que a aluna se retirasse e houve uma discussão diante dos alunos que já estavam no ônibus. Segundo a professora a aluna a ameaçou com o seu grupo de colegas, já a aluna disse que a professora foi extremamente grosseira com ela e que a professora podia fazer o que quisesse já que ela já havia passado pela Delegacia de Criança e Adolescentes (DCA) e que não se importaria de passar mais uma noite lá por causa disso. As duas partes fizeram suas colocações expuseram seus sentimentos, mas chegou um momento que os ânimos ficaram alterados e a mediação foi marcada para ser continuada em outro momento.

Detectamos que o conflito era muito maior e ia além do ocorrido, a aluna já havia se manifestado violentamente diante de outras situações vividas dentro do ambiente escolar, em algumas falas era visto explicitamente que a aluna só queria ir ao passeio porque não tinha tido oportunidades antes de ir ao clube que era o destino desse passeio. Era um lugar novo e que ela queria ter essa oportunidade. A forma encontrada de se expressar diante da situação foi a acostuada. Assim, a simples falta de comunicação entre a escola e a professora causou um transtorno evitável. Também se detectou que a relação entre a professora e esse grupo de alunas já estava conturbada diante de outros conflitos diários. Conflitos não explicitados por nenhuma das partes em um silêncio com diversas manifestações, entre estas pelas “matanças” de aula dessas alunas.

Na mediação seguinte a professora manifestou a preocupação com a vida escolar das alunas e disse se sentir ofendida com a falta da presença delas. Apontou o quanto isso as prejudicaria e que gostaria de ajudá-las de alguma forma. As alunas, por sua vez, disseram que iam tentar participar mais das aulas. Importante registrar: ao término não saíram com promessas, entre os dois segmentos, ou em acordos que não seriam cumpridos, mas saíram reconhecendo as limitações existentes do lado das alunas e da educadora.

A partir dessa experiência vimos explícito a função do mediador que é a criação de novos laços entre as pessoas por meio do exercício delas se colocarem e escutarem as falas no lugar do outro. Exercício de alteridade que raramente está presente nas escolas por terem em suas bases e estruturas as variadas formas de violência.

Relato 2

No curso ministrado junto com a minha parceira do projeto, Yasmin, tivemos uma turma mesclada com professores e alunos. Esse próprio contexto fez com que todas as aulas se tornassem mediações coletivas. Cada módulo trabalhado gerava debates e relatos das vivências diárias dentro da escola. A cada exemplo dado os alunos traziam suas próprias experiências e os professores as suas. Quando estávamos no módulo de violência tratamos das violências estruturais e um dos alunos que morava na área rural da cidade relatou que saía de casa muito cedo para pegar o escolar e tinha que andar uma certa distância para chegar aonde o ônibus passava. Relatou-nos o quanto o ônibus era sucateado e sem segurança. Esse quadro a cada dia piorava em função das condições de estradas muito ruins.

Apontou a ineficiência da Administração para consertar as vias e que ficava horas a fio na escola esperando o horário de ir para casa em muitas ocasiões, em particular quando tinha a fazer trabalhos extraclases. Foi quando o professor entendeu o porquê desse aluno

sempre estar cansado durante as suas aulas e certamente esse entendimento pode ter gerado a consequência de maior atenção com esse aluno ainda no contexto e durante o curso para formar mediadores. Ou seja, o próprio curso produziu efeitos de humanização na relação professor/ aluno por proporcionar a circulação de falas no que se refere às diversas violências vividas no dia-a-dia pelos alunos, as quais acabam por repercutir também na vida dos professores.

Relato 3

Outra experiência com destaque em nossas reuniões de coordenação foi a de um aluno que tinha por volta de 16 anos. Começou a atrapalhar muito a aula de uma professora, com rendimento insatisfatório nas formas de falta de entrega dos trabalhos, falta de anotações no caderno e por isso não poderia ser avaliado pelas atividades de sala e por isso a professora resolveu procurar o núcleo de mediação. Para o encontro de mediação a orientadora da escola e a mãe do adolescente também foram convidadas. A professora relatou o ocorrido quando a mãe do aluno a interrompeu, dizendo que o filho era surdo. Todos ficaram surpresos, pois a escola desconhecia esse fato; tampouco outras escolas, pois no histórico do aluno não continha essas informações. Quando ouviram tal informação espontaneamente falada todos se mobilizaram para ajudar esse aluno que tinha somente 16% da audição em um de seus ouvidos. A orientadora o encaminhou para o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) onde se conseguiu um aparelho auditivo que otimizou a audição do aluno. Este respondeu tornando-se como mais participação nas aulas.

Relato 4

Em uma escola, os alunos não estavam procurando e a direção, a qual, por sua vez, mesmo diante de muitos acontecimentos de violências não estavam encaminhando os casos para o núcleo de mediação. Os mediadores solicitaram uma mediação com a orientadora da escola, responsável pelos atendimentos dos alunos quando encaminhados pelos professores.

Foi uma interessante mediação: os mediadores que estavam representando o núcleo diante da diretora e da orientadora expuseram os sentimentos de preocupação com a escola diante de algumas expulsões compulsórias de alunos. Também expuseram preocupação com os alunos “transferidos” para outros bairros da cidade e com o risco que passaram a sofrer pelas rinchas de gangues entre os bairros. Colocaram-se à disposição da escola dizendo que estavam ali para ajudar em tudo que precisassem diante das situações existentes.

Foi proposta então uma mediação coletiva com professores, mediadores e direção, na qual 60 participantes estavam presentes. Não houve reversão das expulsões ocorridas, mas toda essa mobilização dos mediadores fez com que fosse reavaliada a postura da escola em seu papel de ser também uma instituição mediadora para assumir a proposta pedagógica democrática que tinham.

DISCUSSÃO SOBRE AS EXPERIÊNCIAS

Os relatos supracitados foram selecionados por serem importantes em minha formação como mediadora social e educadora. Marcaram-me mostrando a importância de ser um educador que ouve e dialoga com o aluno. Tenho o entendimento de que a mediação de conflitos através da mediação social pode ser uma grande aliada para uma educação libertadora que empodera seus educandos transformando-os em cidadãos críticos e políticos.

Todos esses contatos com essas diferentes regionais através do projeto trouxeram-me uma visão diferenciada em minha atuação como educadora e aprendi a detectar as violências existentes nas escolas com mais clareza, ou seja, vendo-a em suas diferentes facetas e não simplesmente atribuindo a esse fenômeno uma culpabilização a uns ou outros segmentos que compõem a comunidade escolar: famílias, professores, estudantes e gestores.

É uma prática de reflexão e ação, pois a partir do momento que se consegue identificar os conflitos existentes e as violências presentes pode-se agir a partir do diálogo que é gerado no âmbito da mediação. Trata-se de um espaço participativo, onde se vê as violências sendo desmascaradas e o individualismo sendo esquecido para se chegar a um bem comum.

Através da atuação como Mediadora no Projeto Estudar em Paz: Mediação de Conflitos no Contexto Escolar percebeu-se que a violência *na* escola, retratada por Charlot, atinge a comunidade escolar em geral. O aluno do ônibus sucateado, como retratado no relato 2, chegava á escola como uma “bomba prestes a explodir” e qualquer motivo dentro escola poderia gerar complicações nas relações dele com outrem.

A mediação social, como afirma CARNEIRO (2014), é “como uma engrenagem em que por meio das reflexões e ações coletivas há uma criação de laços sociais que proporciona um comprometimento coletivo com o futuro”, o que possibilita a transformação do conflito existente a partir de propostas coletivas. No relato da experiência que retrata ainda o curso de formação de novos mediadores vimos professores se aproximando dos alunos. Por diversas vezes ao final de cada aula do curso ficávamos em grupos conversando sobre como lidar com todas as violências que eram apontadas. Fala-se do quanto que sofriam diariamente dentro e

fora da escola. Experiências importantes foram trocadas e com o diálogo surgindo não se via mais alunos separados por bairros e turmas, mas pessoas conversando e propondo alternativas para transformarem aquela realidade.

Podemos ver com a mediação de conflitos foca-se também nos conflitos de fundo que são aqueles que silenciosamente causam estragos nas relações existentes e possibilitar um vínculo de confiança em todos, pois acende uma luz mostrando para os alunos e a comunidade que existem possibilidades diferentes e que todos têm força de luta política para mudar a realidade e atingir uma maior qualidade do ensino nas escolas.

A qualidade é todos terem acesso ao conhecimento e as relações sociais e humanas renovadas. Qualidade é empenho ético, alegria de aprender. Para o pensamento neoliberal, a qualidade se confunde com a competitividade. Negam a necessidade da solidariedade. Contudo, as pessoas não são competentes porque são competitivas, mas porque sabem enfrentar seus problemas cotidianos juntos com os outros, e não individualmente. (Gadotti,1998, p 31)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste TCC objetivou ter uma visão do impacto do *Projeto estudar em Paz- Mediação de Conflitos no Contexto Escolar* nessa graduanda de pedagogia. Vejo hoje a mediação de conflitos como uma prática inovadora, que pode transformar as dificuldades diárias, modificando-as para a condição de desafios a serem superados dia-após-dia. Este projeto teve uma contribuição infindável para a minha formação como pedagoga, pois conforme os desafios acadêmicos foram surgindo percebi que o aprendizado e função do educador pode e vai além das paredes das salas de aula e também dos muros da escola.

A Universidade é um ambiente excludente para alunos trabalhadores. Vi as chances diminuindo de permanecer neste ambiente por ter que trabalhar e estagiar durante todo o período da minha graduação. Atividades acadêmicas obrigatórias não são, por exemplo, oferecidas ao período do noturno. Deparei-me também com dificuldades para concluir minha graduação. Meu tema não foi acolhido por diversos professores, mas fiz estudos independentes e me sentia empoderada pelo projeto desde meu ensino médio. Foi um contribuinte ativo para que, como aluna de uma escola pública da periferia enxergasse “além” e o meu papel na sociedade. Ajudou-me a ver que posso me libertar das amarras sociais para alcançar meus objetivos em um contexto que “produz sentidos” não são voltados para mim, mas para o coletivo.

A formação docente é contínua e supõe o movimento de ação-reflexão-ação. Ensinar, assim como aprender, não é reproduzir um comportamento, mas agir com compreensão e sentido. Se queremos aprendizagem com significado para os alunos, temos de nos certificar de que o desenvolvimento profissional tenha significado para o educador. (CARDOSO- TPE. De olho nas metas, 2015-2016)

Na academia, por muitas vezes, vi teorias sendo despejadas aulas após aulas e a prática sendo citada de maneira distante e desconectada da realidade brasileira. Escapam debates sérios sobre as escolas públicas:

Portanto, é preciso ter uma visão em que teoria e prática se interliguem, de modo que a escola seja a extensão da formação universitária e, ao mesmo tempo, objeto de estudo privilegiado para que sejam avaliadas, analisadas e propostas novas metodologias de ensino. (ABRUCIO- TPE. Formação dos professores, 2016)

O projeto contribuiu também com meus colegas da universidade, que tiveram oportunidade de ter contato com a mediação, de serem mais críticos. Essa formação colabora para quando no papel de docentes possam conduzir no ambiente escolar um espaço coletivo em que professores e gestores tenham uma escuta e olhares atentos para as particularidades de seus alunos e das comunidades onde atuam como profissionais da educação. Gerando uma educação mais humanizada e produtora de alunos da educação básica também mais críticos e autônomos, capazes de modificar suas próprias realidades, tal como essa graduanda vem modificando e transformando sua própria trajetória de vida.

REFERÊNCIAS

APARECIDA Vieira, Roseny, TAROUQUELLA Brasil, Katia Cristina, NEVES Legnani, Viviane, **Violência ‘na’ e ‘da’ escola: concepções de professores e alunos adolescentes.** Linhas Críticas [online] 2015, 21 (Septiembre-Diciembre) : [Fecha de consulta: 26 de octubre de 2017] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193543849008>>ISSN 1516-4896. Acessado em: Outubro de 2017

BARBOSA, Águida. **Composição da historiografia da mediação: instrumento para o moderno direito de família.** Revista do Curso de Direito da Universidade Federal de Uberlândia, Vol.33, em 2004/2005, págs155/170

BELEZA, F. **A mediação social como instrumento de participação para a realização da cidadania.** Brasília, 2009.

_____. **Estudar em Paz: mediação de conflitos no contexto escolar.** Brasília, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/viewFile/6323/5902>> Acessado em: 20 de outubro de 2017.

_____. **Estudar em Paz: mediação de conflitos no contexto escolar.** Brasília, 2012.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Barcelona- Espanha, 2002.

CANDAU, Vera Maria (A). Por uma cultura da paz. Revista Nuevamerica/Novamerica, Rio de janeiro, n. 86, 2000.

CARNEIRO, Yasmin Gomes. **Mediação social no contexto escolar: o reconhecimento do conflito e o enfrentamento à violência em uma Escola Classe do DF.** Brasília, 2014.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam a questão. Sociologia, Porto Alegre, n.8, pp.432-443, jul.dez.2002.

DEMO, Pedro. **Participação é conquista.** São Paulo: Cortez, 1988

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

FURTADO, D. O. **Estudar em Paz: uma experiência de mediação de conflitos no contexto escolar.** Brasília, 2011.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito.** 3 ed. ed. São Paulo: Cortez- Autores associados, 1989.

GALTUNG, Johan. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.

_____. **Transcender e Transformar: uma introdução ao trabalho dos conflitos**. São Paulo: Palas Athena, 2006.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência**, 2017.

MOLON, S. I. **Psicologia do estudo: NOTAS SOBRE CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO, SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM**. Maringá, 2011.

NEP. Núcleo de Estudos para a Paz- **Projeto estudar em paz** – CEAM, UnB, Brasília 2017

RINALDI, Carla. **Diálogos com ReggioEmilia: escutar, investigar e aprender** – São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SIX, Jean- François, tradução de Giselle Groeninga de Almeida.,Águida Arruda Barbosa e Eliana Riberti Nazareth. **Dinâmica da mediação**. Belo Horizontes: Del Rey, 2001.

TPE. **Formação de professores no Brasil : diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança / Fernando Luiz Abrucio, coordenação**. São Paulo: Moderna, 2016. Disponível

em:<https://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/olhometas201516_final.pdf>.

Acessado em: Novembro de 2017.

TPE. **De olho nas metas 2015-2016- Sétimo relatório de monitoramento das 5 Metas do Todos Pela Educação**. São Paulo: Moderna, 2017. Disponível em:

<<https://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/olhometas201516final.pdf>>Acess

ado em: Novembro de 2017

TPE. **De olho nas metas 2013-2014- Sexto relatório de monitoramento das 5 Metas do Todos Pela Educação**. São Paulo: Moderna, 2015. Disponível em:

<[https://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1522/de-olho-nas-metas-2013-](https://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1522/de-olho-nas-metas-2013-14/)

[14/](https://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1522/de-olho-nas-metas-2013-14/)>Acessado em: Novembro de 2017

VLACH, V. F. R. **O ensino de Geografia no Brasil uma perspectiva histórica**. Campinas-SP: Papirus, 2004.